O BRASIL ESTÁ DANDO AULA

EDUARDO ASSAD

COLABORADOR DO OBSERVATÓRIO ABC, PESQUISADOR DA EMBRAPA, PROFESSOR DO GV AGRO E MEMBRO DO COMITÊ CIENTÍFICO DO PAINEL BRASILEIRO DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS (PBMC)

POR PAULO ROQUE

No início do mês de julho, o Observatório ABC lançou o estudo "Invertendo o Sinal de Carbono da Agricultura Brasileira", que, além de estimar o potencial de redução de emissões do uso de tecnologias previstas no Plano Agricultura de Baixo Carbono (Plano ABC) de 2012 a 2023, concluiu que a agropecuária pode tornar-se o principal setor na mitigação de emissões. Considerado uma das principais autoridades brasileiras em mudança de climáticas, o professor Eduardo Assad indica quais os caminhos e, principalmente, o papel do pecuarista para que isso seja possível. Com relação às medidas para reduzir emissões de CO_2, ele destaca que "saímos na frente e somos protagonistas".



AGROANALYSIS: DÁ PARA ACREDITAR QUE A AGROPECUÁRIA SERÁ O PRINCIPAL SETOR NA REDUÇÃO DE GASES DO EFEITO ESTUFA NO BRASIL?

EDUARDO ASSAD: Sim. Na agropecuária brasileira, analisamos dois grandes pontos que existem no inventário de gases do efeito estufa: em primeiro lugar, a fermentação entérica do boi e, em segundo, a emissão provocada pelos fertilizantes. Os dois têm peso equivalente. Quanto ao fertilizante, não conseguimos substituí-lo rapidamente, de uma hora para outra. Aliás, consegue-se devagar, com bactérias fixadoras de nitrogênio, com adubos organominerais e algumas leguminosas. Na pecuária, não: o problema é a fermentação entérica, é o metano emitido pelo boi. Isso, visto de maneira isolada, só o boi emite, mas ninguém analisa o sistema. Quando se analisa o sistema, percebe-se que o bom pasto retira, em termos de CO_2, o equivalente àquilo que o boi emite. Se o pecuarista fizer um bom manejo do pasto e adotar as boas práticas agrícolas, esta emissão por fermentação entérica é reduzida. Aí, sim, a pecuária brasileira pode ser o principal responsável



PODE O OBSERVATÓRIO ABC SER ACUSADO DE OTIMISTA PELOS CRÍTICOS, EM SEU RECENTE ESTUDO SOBRE A INVERSÃO DAS EMISSÕES?

EA: Quando fizemos a primeira projeção da possibilidade da redução de emissões, em 2009, para a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, em Copenhague, grupos do Brasil, inclusive do agronegócio, chamaram-nos de otimistas e diziam que os nossos números eram irreais. A Ciência avançou, e, aos poucos, fomos mostrando que podia ser um pouco mais do que aquilo projetado no início. Por outro lado, quando o Observatório ABC foi criado, em 2011/2012, fomos acusados de pessimistas e foi dito que a pecuária poderia reduzir muito mais. Os números estão aí; não trabalhamos com "achismo", mas com ciência: tudo que mostramos podemos comprovar cientificamente.

SUPERAMOS A IMAGEM NEGATIVA DO DESMATAMENTO E DA QUEIMADA DE EXTENSAS ÁREAS?

EA: Aos poucos, sim. E estamos mostrando que é possível. Por exemplo, quando houve o embargo aos municípios desmatadores, os produtores começaram a trabalhar com tecnologia e a melhorar a eficiência em intensificação produtiva, principalmente na Amazônia. Hoje, alguns resultados interessantes mostram que, em áreas onde o desmatamento está reduzindo, a produção pecuária aumenta. Estamos, numa mesma área, produzindo mais carne por hectare, sem desmatamento. Obviamente que existe aí desmatamento ilegal, e este deve ser punido severamente.

> “MINHA PREOCUPAÇÃO É COM RELAÇÃO AO PONTO DE VISTA DO AGENTE FINANCEIRO, QUE ESTÁ MUDANDO LENTAMENTE; ELE PRECISA ANDAR MAIS RÁPIDO.”

OS SISTEMAS INTEGRADOS DE PECUÁRIA-LAVOURA-FLORESTA JÁ ESTÃO DISSEMINADOS NO PAÍS?

EA: Não. Ainda temos um longo trabalho pela frente. Podemos dizer que começou. Temos 3,0 milhões a 3,5 milhões de hectares de integração lavoura-pecuária e lavoura-pecuária-floresta, e acho que poderemos ter muito mais. Em Copenhague, nossa projeção era para 4 milhões de hectares, mas acho que é um processo irreversível. No momento em que estamos falando em sequestrar carbono, aumentar eficiência, produzir o ano inteiro, é óbvio que essa prática vai ser mais disseminada e as culturas solteiras vão dar lugar aos sistemas integrados – carne, grão e fibra. Em 1970, começou-se uma discussão sobre o plantio direto. Era utilizado em 100 mil a 150 mil hectares. Atualmente, são 30 milhões de hectares. E a integração lavoura-pecuária provavelmente deve ter este mesmo destino, espero, nos 150, 160 milhões de hectares de pastos.

QUAIS MUDANÇAS O PROGRAMA DA AGRICULTURA DE BAIXO CARBONO (ABC) DEVERIA TOMAR?

EA: Do ponto de vista técnico, fortalecer mais a disseminação da informação e o treinamento, o que não é uma coisa fácil, porque você deixa de falar em produto, uma cultura solteira, que dura de 120 a 140 dias para produzir, e passa a falar em sistema de produção, em que são dois, três, quatro anos para produzir. Minha preocupação é com relação ao ponto de vista do agente financeiro, que está mudando lentamente; ele precisa andar mais rápido. Isso é absolutamente normal quando se muda o sistema, mas é bom que o agente financeiro se atualize. Temos um sistema bancário moderno, superágil em diversas facetas, mas, na agricultura, ele está precisando ser um pouco mais ágil, liberar os recursos mais rapidamente.

COMO MONITORAR O PROGRAMA ABC NOS ESTADOS DA AMAZÔNIA?

EA: Em primeiro lugar, a região da Amazônia, os estados da região Norte são os que menos aderiram ao Programa ABC. Como são poucas as adesões, não é difícil monitorar. Em segundo lugar, temos todo um procedimento já estabelecido, em termos de acompanhamento – imagens de satélite, condições de verificação de campo etc. –, que pode ser colocado em prática, tanto na Amazônia, quanto em todo o Brasil. Precisa-se colocar isso em prática. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) tem um laboratório financiado pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA). Veja bem: o MMA que financiou um laboratório para monitoramento das emissões de gases do efeito estufa na agricultura ABC; olha como Brasil está mudando. Agora, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), junto com o Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), tem que criar as condições de governança deste laboratório, deste sistema. A Embrapa já fez o dever de casa, mas é preciso que o MAPA e o MDA organizem isso para que comecemos a monitorar. É possível, não é difícil, a tecnologia existe, e temos condições de fazer.

> “TEMOS QUE MUDAR NOSSA MATRIZ, E A AGRICULTURA TEM QUE SER MENOS DEPENDENTE DO PETRÓLEO.”

A AGRICULTURA DOS ESTADOS UNIDOS TOMA MEDIDAS PARA REDUZIR SUAS EMISSÕES?

EA: Começou, mas é recente. Começaram a surgir algumas coisas importantes. Mas, do ponto de vista energético, é negativo: gastam mais energia do que produzem; são totalmente dependentes de insumos, de nitrogênio e petróleo. Os EUA estão vendo que é preciso buscar um equilíbrio, e, quando falam nisso, é importante que todo mundo entenda, porque trata-se do país que puxa toda a economia, puxa o que está acontecendo. Mas, diria que o Brasil, nesse quesito de emissões na agricultura, está dando aula.

ISSO SIGNIFICA QUE SAÍMOS NA FRENTE?

EA: Saímos na frente e somos protagonistas. O mundo inteiro olha para o Brasil e para a sua agricultura. Nós criamos, em 2010, um Plano Nacional de Mudança do Clima, uma lei, um Plano Setorial de Baixa Emissão de Carbono, boas práticas agrícolas, estamos incentivando fixação biológica de nitrogênio, integração lavoura-pecuária-floresta, recuperação de pasto. Enfim, num país imenso como este, tudo tem dimensões gigantescas, e, quando começamos a fazer essas coisas funcionarem, significa que a nossa capacidade de sequestrar carbono ou fixar o carbono no solo é imensa. Somente com duas práticas da agricultura ABC já conseguimos fixar 110 a 120 milhões de toneladas de CO_2 de uma vez somente nos pastos degradados, sem contar a melhoria dos outros pastos. Estamos falando de 170 a 180 milhões de hectares de pastos – as dimensões são enormes –, 200 milhões de cabeças; reduzimos o tempo de abate e a emissão, conseguimos maior eficiência dos rebanhos e aumentamos o ganho de peso.

ISSO SIGNIFICA QUE O BRASIL TERÁ UM TRUNFO NA CONFERÊNCIA SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS DE PARIS NO FINAL DO ANO?

EA: Acho que tem mais do que um trunfo. Não podemos deixar que a concentração de CO_2 atinja 450 partes por milhão; hoje, nós estamos com 400 partes por milhão. A partir dos 450, as coisas começam a entrar num patamar em que não sabemos direito o que vai acontecer e corremos o risco de chegar em torno dos famigerados 2° de temperatura do Globo, sem controle. Hoje, nós estamos com 400, com uma taxa anual de 2,5 partes por ano; em vinte anos, chegaremos a 450. Ou tomamos algumas providências no sentido de reduzir isso, ou vamos entrar num processo muito complicado de adaptação, tendo que nos adaptar com coisas que ainda desconhecemos. Então, a agricultura tem o seu papel, e a redução de combustível fóssil e a mudança do modelo energético também têm seu papel. Temos que mudar nossa matriz, e a agricultura tem que ser menos dependente do petróleo. Esses são os grandes desafios nos próximos trinta anos, porque, se todos esses itens de que falei não forem atacados, vamos atingir os 450/500 partes por milhão, e aí o processo do aquecimento fica irreversível. ■